
OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporáneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

**La enseñanza enferma:
El sufrimiento mental de los docentes y el síntoma en el psicoanálisis**

Bárbara Oliveira Paulino

Psicóloga.

Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil

baoliveira@gmail.com

Marcelo Ricardo Pereira

Psicólogo, psicoanalista,

Profesor de la Universidad Federal de Minas Gerais

Miembro de la Red Interuniversitaria INFEIES

mrp@fae.ufmg.br

Resumen

La docencia no ha escapado del debilitamiento de los ideales del mundo contemporáneo y, en la educación, se enredan nuevos intentos de explicar el lugar del maestro, que hoy aparece incierto y vacilante. Con frecuencia enfermos, los docentes enfrentan el desgaste progresivo de su función, lo que indica el profundo malestar en relación con su profesión. Es nuestra hipótesis aquí considerar la enfermedad como una de las posibles respuestas dadas por los maestros para los problemas de la educación actual. La enfermedad, y en consecuencia el posible apartamiento del aula, parece apuntar a una salida frecuentemente usada y relatada. Se pregunta entonces si esta enfermedad frecuente podría ser entendida como un síntoma y como tal representar, como decía Lacan, lo que es incómodo para el sujeto, pero le conviene. Enfermos, estos maestros responden a un lugar común, que probablemente podríamos nombrar de sintomático. Este síntoma aparece no solo como respuesta singular de cada uno, sino también como un fenómeno que cada vez más se repite diariamente en las escuelas. Si algunos maestros responden – no menos sintomáticamente – con el fin de construir alternativas, ¿que revelan los que, parafraseando Freud, salen para la enfermedad? ¿Lo que estas soluciones pueden decirnos sobre la sustentación del lazo social?

Palabras clave

Enfermedad de maestros – Síntoma – Subjetividad – Educación - Psicoanálisis.

www.infeies.com.ar - infancia@mdp.edu.ar

Dean Funes 3250 (7600) Mar del Plata, Buenos Aires Argentina

Tel 54-0223-4752266

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

A mestria adoecida:
Sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise

Bárbara Oliveira Paulino

Psicóloga.

Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil

baoliveira@gmail.com

Marcelo Ricardo Pereira

Psicólogo, psicoanalista,

Profesor de la Universidad Federal de Minas Gerais

Miembro de la Red Interuniversitaria INFEIES

mrp@fae.ufmg.br

Resumo

A docência não escapou à fragilização dos ideais do mundo contemporâneo e, na educação, se embaraçam novas tentativas de dar conta do lugar do professor, que figura incerto e vacilante nos dias de hoje. Muitas vezes adoecidos, os docentes enfrentam o desgaste progressivo de sua função, apontando o profundo mal-estar em relação à profissão. Hipotetiza-se aqui o adoecimento enquanto uma das respostas possíveis dadas pelos docentes aos embaraços da educação hoje. O adoecimento e, por vezes, o afastamento de sala que decorre deste, parece apontar para uma saída frequentemente utilizada e relatada. Interroga-se então se este frequente adoecer poderia ser tratado enquanto sintoma, e como tal, representar aquilo, que como disse Lacan, é incômodo ao sujeito, mas lhe cai bem. Adoecidos, esses professores respondem de um lugar comum, que talvez possamos nomear de sintomático. Sintoma que figura como resposta singular de cada um, mas também como fenômeno que cada vez mais se repete no cotidiano escolar. Se alguns professores respondem – não menos sintomaticamente – de forma a construir alternativas, o que nos revelam aqueles que, parafraseando Freud, saem para a doença? O que estas saídas nos revelam sobre a sustentação no laço social?

Palavras-chave

Adoecimento docente – Sintoma – Subjetividade – Educação- Psicanálise

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporáneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

**Illness of teachers:
Mental suffering of teachers and symptom in psychoanalysis**

Bárbara Oliveira Paulino

Psicóloga.

Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil

baoliveira@gmail.com

Marcelo Ricardo Pereira

Psicólogo, psicoanalista,

Profesor de la Universidad Federal de Minas Gerais

Miembro de la Red Interuniversitaria INFEIES

mrp@fae.ufmg.br

Abstract

Teaching has not escaped the weakening of the ideals of the contemporary world and in education many attempts are tried to account for the place of the teacher, which appears uncertain and vacillating nowadays. Many times the diseased teachers say about the deep malaise that pervades society today and it is quite common to hear complaints from teachers who face the progressive wear of its function. It is hypothesized here the illness as one of the possible answers given by teachers to all these embarrassments of education today. The illness and sometimes the absence of the classroom, seems to point to a solution often used and reported. We wonder if this frequent illness could be treated as symptom, and as such, represent, as Lacan said, something that is uncomfortable to the subject, but fits it. Diseased, these teachers respond from a common place, that perhaps we may call symptomatic. Symptom that appears as a singular response of each one, but also as a phenomenon that increasingly repeats itself in schools. If some teachers respond - not less symptomatically - in order to construct alternatives, what reveal those who escape through illness? What these solutions can tell us about our society?

Keywords

Illness of teachers – Symptom – Subjectivity – Education - Psychoanalysis.

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

A mestria adoecida:
Sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise

Bárbara Oliveira Paulino
Psicóloga.
Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil
baoliveira@gmail.com
Marcelo Ricardo Pereira
Psicólogo, psicoanalista,
Profesor de la Universidad Federal de Minas Gerais
Miembro de la Red Interuniversitaria INFEIES
mrp@fae.ufmg.br

A maior riqueza do homem é sua incompletude
Manoel de Barros

Lidamos hoje com alguns discursos sobre a educação na contemporaneidade e em geral podemos perceber como o lugar do professor é colocado em questão. É bastante comum ouvirmos as queixas dos docentes que enfrentam o desgaste progressivo de sua função, e que muitas vezes adoecidos dizem do profundo mal-estar que permeia a sociedade atual. A docência não escapou a fragilização dos ideais do mundo contemporâneo e, na educação, se embaraçam novas tentativas de dar conta do lugar do professor, que figura incerto e vacilante nos dias de hoje.

A partir de uma pesquisa anterior, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, que deu origem ao livro *Acabou a autoridade?* (Pereira, Paulino, Franco, 2011), pudemos ouvir dos docentes diversas queixas que nos incutiram a suspeita de que poderia haver algo mais. A escuta das formas sintomáticas de se haver com o ato de educar despertaram o desejo que culminou na pesquisa de mestrado que é

www.infeies.com.ar - infancia@mdp.edu.ar

Dean Funes 3250 (7600) Mar del Plata, Buenos Aires Argentina
Tel 54-0223-4752266

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

desenvolvida hoje, na mesma instituição, na qual adoecimento docente figura como tema de investigação. As reflexões trazidas aqui são fruto do debate iniciado no projeto apresentado a linha Psicologia, Psicanálise e Educação da Faculdade de Educação, e propõe a discussão, à luz da teoria psicanalítica, de um fenômeno que permeia hoje o meio educacional brasileiro.

A denúncia dos sentimentos de desvalorização, desrespeito e, sobretudo, desautorização que encontramos repetidamente nas falas dos professores parece, no entanto, apontar algo além. A repetição encontrada nas queixas faz pensar como a sociedade produz, e é produzida, por sujeitos em que o mal-estar salta aos olhos e ouvidos. O mal-estar, inerente a condição humana como postulado por Freud, desde 1930, se apresenta, no entanto, marcado pelas formas atuais das subjetividades, e na escola não poderia ser diferente. Há no espaço escolar, cotidianamente, um esforço na tentativa de restituir um lugar discursivo que aparece apagado por gestões institucionais vacilantes, por políticas públicas ensaístas, por condições de trabalho desmobilizadoras, como também e, sobretudo, pelo escárnio, apatia, confronto ou violência dos alunos.

Postas tais condições, quais seriam os efeitos nas subjetividades destes que se propõem ao enfrentamento de tais condições? Hipotetiza-se aqui, o adoecimento enquanto uma das respostas possíveis dadas pelos docentes a todos esses embaraços da educação hoje. O adoecimento e, por vezes, o afastamento de sala que decorre deste, parece apontar para uma saída frequentemente utilizada e relatada. Interrogamos então se este frequente adoecer poderia ser tratado através do conceito de sintoma psicanalítico, e como tal, representar aquilo, que como disse Lacan, é incomodo ao sujeito, mas lhe cai bem.

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

Adoecidos, esses professores responderiam de um lugar comum, que talvez possamos nomear de sintomático. Sintoma que figura como resposta singular de cada um, mas também como fenômeno que cada vez mais se repete no cotidiano escolar.

Desde seu início a Psicanálise sempre estabeleceu um diálogo com a Educação. A subjetividade do professor, no entanto, tornou-se objeto dos teóricos da educação mais recentemente, o que possibilitou uma mudança do olhar em relação aos fenômenos subjetivos que permeiam o ato educativo. O professor como sujeito passa a ser considerado peça fundamental para o entendimento dos conflitos no campo educacional e é cada vez mais chamado a posicionar-se subjetivamente, com sua história, suas angústias e impasses que permeiam o ofício de educar. (Aguiar e Almeida, 2008).

De tal forma que não é estranho que os docentes se apropriem dos discursos contemporâneos acerca do adoecer e das formas de tratamento oferecidas ao sofrimento psíquico e corporal vivido por eles, e não são poucas as suas queixas. Desde a extensão da jornada de trabalho para fora do ambiente escolar, passando pela falta de condições estruturais para o exercício da profissão, até o investimento emocional requerido dos docentes, são inúmeras as situações apontadas por eles como geradoras de sofrimento e pressão. A tão falada desautorização, o esvaziamento de um lugar idealizado, o exercício muitas vezes frustrado da transmissão de saber também figuram como ponto chave naquilo que os professores trazem como empecilho ao exercício do educar.

Da mesma forma não são poucos os estudos que apontam o desgaste sofrido pela categoria, as dificuldades enfrentadas e os modos adoecidos de responder. O mal-estar vivido pela classe docente é apontado de diversas formas em autores como Pereira

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

(2011), Murta (2002), Fonseca (2001), Zaragoza (1999), Codo (1999) e Esteve (1999) para citar alguns.

Gasparini, Barreto e Assunção (2005) apontam uma série de pesquisas em várias cidades brasileiras e estrangeiras que buscam compreender os motivos do afastamento e adoecimento dos professores. Estudos em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Campinas, Salvador, Florianópolis dentre outros, são citados para enfatizar a frequência do diagnóstico de transtornos psíquicos ou mentais/comportamentais enquanto causa de afastamento.

Codo (1999), autor bastante citado nos estudos acerca do adoecimento mental, chegou ao termo síndrome de *burnout* para dizer da exaustão prolongada e do desinteresse que chegam os profissionais no auge do desgaste: “é uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil.” (Codo e Velasquez, 1999 *apud* Murta, 2002, p. 86).

O adoecimento dos professores relatado em tantos estudos aparece então como uma das formas de expressão do sofrimento psíquico. Sofrimento que atinge o sujeito em sua atividade produtiva, o colocando em conflito com seu modo de ganhar a vida, sua forma de atuar em uma sociedade capitalista, na qual o trabalho assume função primordial, e evidencia, concomitantemente, uma solução possível.

Na sociedade atual o trabalho há muito foi revestido com valores relacionados à produção de capital e consumo. Socialmente, estar afastado do trabalho é muitas vezes tratado como impotência, fragilidade, incompetência. Significantes que não passam despercebidos à escuta psicanalítica por remeterem ao desamparo, condição primeira a

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

que o sujeito responde. No âmbito do sujeito podemos ainda pensar o trabalho como uma das formas de receber reconhecimento do Outro. Afinal, o sujeito também é efeito da cultura, e seu inconsciente, segundo o aforismo lacaniano, é o social.

Lançamos a ideia de que um professor adoecido é um indivíduo que assume um sintoma, e este é referente a sua doença, seja ela dita do corpo ou da mente. Pretendemos avançar analisando o adoecimento docente através do conceito psicanalítico de sintoma, o que é próprio de cada sujeito e responsável por sua singularidade. Aquilo que responde de um lugar inconsciente como forma de dar vazão a um acúmulo de tensão.

Já afirmamos em outra parte (Pereira, Paulino e Franco, 2011) que a escolha de uma profissão e, a forma como se atua nesta, pode ter algo de sintomático. Acreditamos assim que o que promove a relação do sujeito com a docência carrega algo daquilo que o sujeito apresenta como mais real, seu sintoma:

Para Lacan, o sintoma é a maneira fixa pela qual cada um desfruta o seu inconsciente. A esse respeito, a maneira que induz a normalização edipiana, mesmo que seja uma outra que não a da neurose, nem por isso é menos fixa; o tratamento não visa, portanto, tal normalização, mas, antes, “um savoir-faire com o sintoma” em vez de uma fruição deste último. (Mijolla, 2005, p. 1746).

Importa ressaltar que ao mesmo tempo que o sintoma cumpre a função de ancoragem do sujeito na estrutura, também denuncia que algo não vai bem. Ainda que o sujeito, no caso os docentes, possam estar se esforçando para que as coisas tomem outra direção, tal é a característica do sintoma, qual seja, a de se expressar a revelia do sujeito.

Visto assim, o sintoma é uma resposta que produz um hiato, uma distância entre o professor e a sala, como uma alternativa que afasta a ameaça de desorganização psíquica que o exercício docente fez surgir. Na ausência de recursos internos que produzam uma

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

resposta criativa diante dos impasses, uma nova forma de organização psíquica parece necessária para dar conta da sustentação da realidade.

Se em Freud ainda encontramos esperanças de interpretações do sintoma que pudessem solucioná-lo (1917, p. 530), em Lacan ele é considerado como efeito estrutural do sujeito, aquilo de mais real que o habita e, portanto, não pode ser erradicado. "Cada sujeito se institui sob o peso real de seu sintoma, ou seja, seu saber viver é um modo de ser do seu próprio sintoma" (Pereira, 2012, p. 56).

Freud (1926) teoriza o sintoma como aquilo que cumpre a função de mecanismo de defesa contra o recalcado e, ao mesmo tempo, possibilita uma satisfação libidinal substitutiva, permitindo ao Eu não perturbar a relação com seus ideais. Traduzidos no texto freudiano como "atos prejudiciais, ou pelo menos inúteis à vida da pessoa, que por vez, deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento." (Freud, 1917, p. 361). O sintoma substitui uma ideia recalcada, ele advém de um conflito, mas de maneira conciliadora surge para possibilitar que o Eu obtenha satisfação por outra via que não aquela proibida pelo recalque.

Em relação ao conflito Freud afirma que este irrompe em consequência de uma frustração interna que quando acrescentada de uma frustração externa torna-se patogênica, por ter assim excluída a possibilidade de satisfação (1917, p. 353). Resta ao sujeito descarregar o excesso, produzido pelo conflito, através do sintoma que recupera a possibilidade de satisfação, ainda que por uma via indireta, qual seja, o adoecimento. "Em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo: estabelecem um ato interno em lugar de um externo, uma adaptação em lugar de uma ação..." (Freud, 1917[1916-17], p. 368).

www.infeies.com.ar - infancia@mdp.edu.ar

Dean Funes 3250 (7600) Mar del Plata, Buenos Aires Argentina
Tel 54-0223-4752266

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

Não ignoramos que o sintoma para Freud está intimamente ligado as experiências infantis e que são elas que marcam primeiramente o psiquismo. Mas, há algo que retoma o conflito instalado na infância e o ressignifica, tornando a situação atual, a dita frustração externa, como aquela que produz desprazer e deve ser evitada. Introduzido por Freud em 1896, o conceito de *a posteriori* serviu para designar um processo de reorganização ou reinscrição pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação em um contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere um novo sentido (Rodinesco e Plon, 1998).

Ao produzir tal saída os professores adoecidos não só se afastam da frustração externa vivida em sala, mas “recuperam, para formação do sintoma, uma condição frágil, mas eficaz no sentido de manter sua organização psíquica e garantir a troca com a realidade” (Goulart; Santiago e Drügg, 2003).

Procura-se deixar assim o binarismo doença-sintoma, este enquanto sinal daquela, de anúncio de um mal orgânico, e considerar o que está para além do corpo, do consciente. O conflito enquanto algo inerente ao humano tem a função de organização do psiquismo e, ainda que tal conflito tenha como um dos seus desdobramentos o sintoma, este aponta para o desejo que move o sujeito. (*Idem*, 2003). Como forma de expressar o conflito, muitos docentes produzem sintomas, que dizem de si, mas dizem também da profissão e de seus próprios desejos. Saída cada vez mais comum entre os profissionais da escola, o adoecimento parece denunciar um mal-estar maior.

Somos então levados a questionar, de que modo a psicanálise pode contribuir no concernente à discussão de estratégias diante desse mal-estar e desamparo, uma vez que a saída que muitas vezes aparece como resposta é, justamente, o adoecimento. Se alguns

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

professores respondem – não menos sintomaticamente – de forma a construir alternativas, o que nos revelam aqueles que, parafraseando Freud, saem para a doença? O que estas saídas nos revelam sobre a sustentação no laço social?

De acordo com Kehl o conceito de sintoma diz respeito necessariamente ao laço social (2011, p. 27). Vanier (2002) pontua que se o sintoma em Freud é aquilo que torna o sujeito associal, é em Lacan que este mesmo sintoma irá tomar os contornos daquilo que possibilita a inscrição do sujeito no discurso, ou seja, no laço social. O discurso, formado pela linguagem, é aquilo que partilhado socialmente dá forma a determinada cultura.

O mal-estar postulado por Freud (1930) como da cultura é, portanto, como coloca Quinet (2006), nada mais que o mal-estar dos laços sociais. Assim, se seguirmos a leitura lacaniana, é a partir do sintoma que o sujeito pode se inserir socialmente e fazer laço, ainda que ele denuncie algo que não vá bem. Cabe lembrar que as renúncias pulsionais são objeto da própria educação, que tenta engendrar no sujeito modos adaptados ao seu contexto cultural. Todavia, como bem coloca Freud (1930), as pulsões não são educáveis de modo irreversível, haverá sempre algo que resta.

É Kehl ainda, remetendo a Lacan, que coloca que as condições que organizam o laço social estão presentes na fundação do inconsciente (2011, p. 26). Enquanto "discurso do Outro" o inconsciente se apresenta como um discurso indissociável de uma cultura, que de forma estrangeira habita o sujeito, ainda que este não o reconheça. Freud (1933) já dizia de um "território estrangeiro interno" para se referir ao recalcado, território este na leitura lacaniana estruturado como linguagem. O inconsciente opera assim em cada sujeito como aquilo que traz a representação do social e ao mesmo tempo contém o mais particular e singular de cada um, sua forma única de inscrição no laço social.

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

Afirmamos acima que o Eu produz sintoma a fim de não perturbar a relação com seus ideais. Ideais estes que o Eu tenta alcançar pela via das exigências superegóicas e que são originados justamente da cultura em que sujeito habita, ou seja, é o traço da relação do sujeito com o Outro (Kehl, 2011: 31). E em uma cultura que elege como ideais os valores da euforia e da imagem narcísica (Paulino, Franco e Pereira, 2010) não abre possibilidades para a tristeza, dor ou adoecimento:

"Entre nós, hoje em dia, o 'blues' não é compartilhável" escreve Soler. Uma civilização que valoriza a competitividade e a conquista, mesmo se em última análise esta se limite à conquista do Mercado, uma tal civilização não pode amar seus deprimidos, mesmo que ela os produza cada vez mais, a título de doença do discurso capitalista (Soler, 2001 *apud* Kehl, 2011, p. 22).

Dessa forma, o mal-estar produzido por esta sociedade, que rejeita as formas de expressão da tristeza e do adoecimento, acaba por se manifestar sintomaticamente. Excluído da possibilidade de ser simbolizado, o mal-estar silenciado se expressa em forma de atos (Kehl, 2011, p. 25). Podemos questionar então: A resposta adoecida é a forma de responder da/na sociedade atual? Se a medicalização como enfatiza Rodinesco (2000) e a depressão (Kehl, 2011) são os sintomas de nosso tempo, o que os professores têm a dizer sobre isso?

Neste contexto, a educação se insere pela mesma via que o sujeito. Da mesma forma sujeitada às leis da linguagem, ela opera com a palavra e é através desta que pode transmitir seu saber (Almeida, 2001). Inserida também na ordem simbólica, e portadora da "missão" de difundir os interesses sociais de uma determinada época e cultura, a educação reproduz, ao mesmo tempo, o discurso partilhado socialmente e sujeitos cada vez mais adoecidos e deprimidos.

www.infeies.com.ar - infancia@mdp.edu.ar

Dean Funes 3250 (7600) Mar del Plata, Buenos Aires Argentina

Tel 54-0223-4752266

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

Diante da impossibilidade de resolver os problemas das condições de trabalho, formação e salário, na impossibilidade de resolver os impasses com a família ou com as novas tecnologias, os docentes buscam através do sintoma alguma forma de dar conta, ainda que precariamente, da sua posição enquanto educador.

O que podemos vislumbrar como possibilidade de novas formas de lidar com o desamparo e o mal-estar docente? Apesar de estarmos diante de profissionais adoecidos em seu ofício e, por vezes, afastados de seu ambiente de trabalho julgamos necessário que uma articulação seja feita entre esse sofrimento e a história de cada professor.

A aposta é que diante das inúmeras dificuldades apresentadas pelo cotidiano escolar os docentes possam identificar formas de construir saídas próprias. Talvez, se for possível lidar com a falta, que já nos é dada de saída, a transmissão possa se dar de outras formas. Ainda sintomática, uma vez que o sujeito não se aparta de seu sintoma, mas ao menos, não tão adoecedora. Freud coloca que se algo tem o direito de ser chamado de sintoma, isso é o próprio deslocamento (1926, p. 125), e assim, deslocando-se os modos adoecidos, talvez o sujeito possa surgir como ser de desejo (Pereira, Paulino e Franco, 2011, p. 119) e fazer os discursos girarem, a palavra circular.

Como nos diz Almeida:

Posso supor que o conhecimento que verdadeiramente se ensina é o que se transmite como efeito de um Saber sobre a própria castração, em uma relação educativa que é sempre de filiação e de reconhecimento do valor simbólico da diferença que marca o lugar de cada um na cadeia de transmissão (2001, p. 12).

De maneira nenhuma julgamos fácil ou banal assumir tal posição, nem caímos na ingenuidade de pensar tal postura como solução permanente. Mas uma vez que ela seja

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

possibilitada, que os sujeitos possam, ainda que por momentos, se confrontar com o vazio inerente à condição humana, acreditamos que seja possível a partir disso fazer falar e ressignificar. Nessa luta diária a que se jogam professores e alunos, com subjetividades próprias e explosivas, o desejo de ser desejado talvez possa ajudar a lidar com o desamparo fundamental a que todos estamos destinados.

Mas como fazer tal deslocamento, ou possibilitar esse giro onde o sujeito consegue inscrever e fazer operar seu desejo? É neste sentido, que pensamos ser possível adentrar a pesquisa empírica e, auxiliados por uma escuta de orientação clínica (Pereira, 2012), articular na história de cada sujeito como se fazem os modos de enfrentamento daquilo do sofrimento que o sintoma faz surgir. Diante do mal estar denunciado, sabemos que saídas próprias são construídas, mas de que modo, é uma das perguntas que se coloca. Se mesmo se dizendo adoecidos, os docentes que nos colocaram suas queixas continuam atuando, interessa investigar de que forma se fez possível funcionar o sintoma e o exercício docente.

Dissemos que o sintoma pode ser a saída de alguns professores para lidar com as dificuldades comumente associadas à docência e ainda, que ele diz das formas de fazer laço com o outro. Se afirmarmos acima que o sintoma é o mal-estar dos laços sociais, isso também nos leva a perguntar acerca da interação professor-aluno, sobre a qual se dá o trabalho docente. Se a resposta adoecida nos salta aos olhos na sociedade atual, o que ela pode nos dizer dos laços estabelecidos na escola? Sabemos que a relação entre professores e alunos passa pelo confronto, é fonte de conflitos e de interrogação da autoridade, mas o que essa forma de laço, estabelecido entre os docentes e seus alunos, pode apontar acerca do transbordamento do mal-estar em forma de adoecimento?

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

Quais são os professores que se dizem em tal situação e, professores estes, de quais alunos? Questões estas, que se colocam como horizontes possíveis de pesquisa e suscitam a continuidade do trabalho de investigação. Faz-se necessário fazer falar o sujeito, esse nomeado pela psicanálise como do inconsciente, mas que por isso mesmo, nos diz das expressões contemporâneas de atuação no mundo.

Bibliografia

AGUIAR, R.M.R. e ALMEIDA, S.F.C. (2008). *Mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores*. Curitiba: Juruá.

ALMEIDA, S. F. C. (2001) Psicanálise e educação: revendo algumas observações e hipóteses a respeito de uma (im)possível conexão. COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2001, São Paulo. *Proceedings online...* Disponível online: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300011&lng=en&nrm=abn>. Consulta:2012, outubro,05.

CIFALI, M. (2001). Conduta clínica formação e escrita. In: PERRENOUD, P. Et al. *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* (2ª ed. Pp. 101-115), Porto Alegre: Artmed.

CODO, W. (Coord.) (1999). *Educação: Carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes

ESTEVE, J.M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC

FREUD, S. (1976) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago:

_____ [1916-1917]. Conferência XXII: Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – Etiologia, vol.XVI.

_____ [1916-1917]. Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas, vol.XVI.

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

_____ [1926]. Inibições, sintomas e ansiedade, vol. XX.

_____ [1930]. O Mal-Estar na Civilização, vol.XXI.

_____ [1933]. Conferência XXXI: A dissecção da personalidade psíquica, vol.XXII.

_____ [1937]. Análise terminável e interminável, Vol. XXIII.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. (2005). O professor as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. Disponível online: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>>. Consulta 2012, setembro, 24.

GOULART, J. A.; SANTIAGO, A. R. F.; DRUGG, A. (2003). Afastamento para tratamento de saúde: sintoma institucional e recurso precário no enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho docente. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 3, n. 2, set. Disponível online: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482003000200007&lng=pt&nrm=iso>. Consulta 2012, outubro, 16.

KEHL, M. R. (2011). *O tempo e o cão: A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.

MIJOLLA, Alain. (2005). *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, bibliografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.

MURTA, C. (2001). Magistério e sofrimento psíquico: contribuição para uma leitura psicanalítica da escola.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., São Paulo. *Proceedings online...* Disponível online: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000032001000300031&lng=en&nrm=abn>. Consulta 2012, setembro, 24.

PAULINO, B. O., FRANCO, R. B. e PEREIRA, M. R. (2012) A sociedade da vergonha e a (des)construção da subjetividade docente. In: PEREIRA, M. R. (org.). *A psicanálise escuta a educação: 10 anos depois*. (pp. 145-158) Belo Horizonte, Fino Traço/ FAPEMIG.

PEREIRA, M. R., PAULINO, B. O.; FRANCO, R. B. (2011). *Acabou a autoridade?: Professor, subjetividade e sintoma*. Fino Traço / FAPEMIG.

OLIVERA, P.& PEREIRA, M. A mestria adoecida: sofrimento mental de professores e sintoma na psicanálise. INFEIES – RM, 2 (2). Debates contemporâneos. Mayo 2013: <http://www.infeies.com.ar>

PEREIRA, M. R. (2012) O sintoma ou o que o sujeito tem de mais real. *Dossiê Psicanálise e Contemporaneidade. Revista espaço acadêmico*, n.131, abr. ano XI. Disponível online: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16387>>. Consulta 2012, agosto 13.

_____ (2011). La orientación clínica de trabajo como cuestión de método a la psicología, psicoanálisis y educación. In: *La formación del psicólogo en el siglo XXI*. Rosario, Argentina: UNR.

QUINET, A. (2006). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROUDINESCO, E. (2000) *Por que a psicanálise?* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROUDINESCO, E., PLON, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SANTIAGO, A. L. B. (2009). Psicanálise aplicada ao campo da educação: intervenção na desinserção social na escola. In: SANTOS, T. C. (org) *Inovações no ensino e pesquisa em psicanálise aplicada*. (pp. 66-83). Rio de Janeiro: 7 letras.

VANIER, A. (2002). O sintoma social. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, Dec. Disponível online: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982002000200001&lng=en&nrm=iso>. Consulta 2012, outubro, 11.

ZARAGOZA, J. M. E. (1999). A sala de aula e a saúde dos professores. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc.